

**CORPO NÔMADE, CORPO SUJEITO.
CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO AMERÍNDIO PARA UMA ECOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO E DAS IMAGENS.¹**

**NOMADIC BODY, SUBJECT BODY.
CONTRIBUTIONS OF AMERINDIAN THOUGHT TO AN ECOLOGY OF
COMMUNICATION AND IMAGES.**

Roberta Dabdab²

Resumo

O artigo tem por objetivo relacionar a sabedoria do pensamento ameríndio evidenciada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro com o importante alerta de Harry Pross (1923-2010) sobre a potência do corpo e da mídia primária para a autodeterminação dos sujeitos que compõem a diversidade do mundo, e aqui estou apontando para uma perspectiva ecológica, sem dualismos, com a ideia de cultura e comunicação imbricadas e "em comunhão". O que se espera é que o pensamento dos povos originários da América possa trazer contundente contribuição para as áreas da comunicação e da educação e uma orientação para o que Pross "reivindicou" como um "Sistema Universal dos Símbolos" (1982).

Palavras-chave: Harry Pross. Sabedoria Ameríndia. Multinaturalismo. Alteridade. Agenda 2030.

Abstract

The aim of this article is to correlate the wisdom of Amerindian thought highlighted by anthropologist Eduardo Viveiros de Castro with Harry Pross' (1923-2010) important warning about the potency of the body and primary communication to achieve self-determination for the subjects that make up the world's diversity, and here I am pointing to an ecological perspective, without dualisms, with the idea of culture and communication intertwined and "in communion". The hope is that the thinking of the original peoples of the Americas can make a powerful contribution to the fields of communication and education and provide an orientation for what Pross "claimed" as a "Universal System of Symbols" (1982).

Keywords: Harry Pross. Amerindian Wisdom. Multinaturalism. Alterity. Agenda 2030.

Corpo do Trabalho

¹Trabalho apresentado ao Eixo Temático 6 (Mídias primárias: o encontro cara a cara, a presença do corpo), do VIII ComCult, faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo – Brasil, 16 a 18 de novembro de 2023.

² [Doutora Comunicação e Semiótica, PUC-São Paulo e robertadabdab.9@gmail.com].

A intenção deste ensaio é prospectiva antes que nostálgica. Ele aspira redespertar alguns possíveis, entrever algumas saídas que permitam à nossa disciplina imaginar para si mesma, enquanto projeto intelectual, um desenlace outro que – sejamos ligeiramente dramáticos – a morte por asfixia. (Viveiros de Castro, 2020, p. 32)

Início apontando para a epígrafe acima, do etnólogo Viveiros de Castro, que traduz com precisão a intenção desse artigo como contribuição para a área que pesquiso, a Comunicação.

Ideias preliminares.

Entendendo a urgência de pesquisas alinhadas com as ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) para a agenda 2030 proposta pela ONU e destacando neste artigo os problemas da alienação, da alteridade e da diversidade para a comunicação e cultura, uma vez que somos muitos, diversos e vivemos em um só planeta, o objetivo é aponta para a singularidade da mídia primária concebida por Harry Pross dentro da sua teoria da mídia, em especial as análises sobre a potência do corpo para a construção de comunicação e de vínculo com a alteridade, - aqui me direciono para uma perspectiva ecológica, sem dualismo, com a ideia de cultura e comunicação imbricadas e "em comunhão"-, o esclarecimento para a coerção simbólica praticada pelos produtos comunicacionais e midiáticos e a necessidade da autodeterminação para a construção de uma sociedade mais horizontal e sustentável.

E, também, sugerir as “práticas” da cosmovisão ameríndia descritas por Eduardo Viveiros de Castro – o que ele chama de multinaturalismo e perspectivismo ameríndio - como referência para se pensar abordagens educacionais (formais ou não formais) e/ou políticas públicas dentro dos campos da Comunicação e da Educação, campos esses que precisam estar imbricados, interrelacionados, uma vez que seguindo uma perspectiva ecológica, a comunicação é a “matéria prima” e a “ferramenta” para as relações desenvolvidas na esfera da cultura.

Foi Pross, dentro do campo da Comunicação, quem refletiu com profundidade o tema do avanço da eletrificação, do tempo acelerado nas relações, e das resultantes perdas dimensionais do corpo, com o homem "emaranhado nos ambientes midiáticos" e seus produtos. Sua teoria da mídia apresenta uma classificação bem concreta- os “meios” primários;

secundários; terciários – e suas análises vão apontando para a hegemonia da “técnica” (aka tecnologia) nas relações que construímos com a cultura, o que vai significando a perda dos meios primários para os meios terciários.

Vale destacar que o autor foi jornalista trabalhando para importantes jornais alemães (anos 40, 50 e 60) e editor-chefe da Radio Bremen (1963 a 1968). Depois dessa imersão e experiência na prática da comunicação tornou-se professor da Escola de Design de Ulm e no Instituto de Jornalismo e Comunicação da Universidade Livre de Berlim.

Voltando a questão do artigo, advogar pelo corpo e meios primários, apresento três perguntas que não serão respondidas aqui, mas são ponto de partida e de chegada para nossa investigação:

1. “Que consequências podem advir para a intersubjetividade e os relacionamentos em nossa sociedade como resultado da crescente virtualização da percepção e da comunicação? (2021, p. 86) formula Thomas Fuchs, professor de Psiquiatria e Filosofia no Departamento de Psiquiatria Geral da Universität Heidelberg.
2. “Seria a imagem a primeira das experiências humanas ou seria o corpo?” (2016, p. 192) pergunta Dietmar Kamper (1936-2001), sociólogo do corpo e professor de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Cultura na Universidade Livre de Berlim e membro-fundador do Centro de Pesquisas em Antropologia Histórica nesta mesma universidade.
3. “Não será inquietante que nossa civilização tecnológica, a sociedade da informação, faça tudo sentada? (2012, p.35) questiona sagazmente Baitello, professor do programa de Pós Graduação Comunicação e Semiótica da PUC-SP, no livro “O Pensamento Sentado”.

O sintoma.

As perguntas acima “desconfiam” do modelo proposto pela tecnologia (aponto para o capitalismo cognitivo e a psicopolítica³), modelo esse que prioriza o “cancelamento” do corpo e seus sentidos; aqui destaco o corpo-humano, mas é claro que a imobilidade também propõe o “cancelamento” de muitos corpos não-humanos.

É Baitello quem apresenta o perigo desse “novo nomadismo” ou “nova mobilidade” que segundo o autor se define no paradoxo entre imobilidade com fluidez, nos convidando a estar em lugares/ situações/ vivências aonde não estamos de fato, um nomadismo praticado predominantemente pela visão: “um nomadismo voyeurista, aquele que só sente prazer em ver, ao longe, o objeto do desejo.” (2012, p. 28 e 29)

E, é justamente apontar para a incongruência, o absurdo, desse “modelo” ou “meio” baseado na relação da tecnologia com o mundo orgânico da sociabilidade, que nos posiciona “distante” das relações sociais primárias, os gestos, a mimese, a performatividade do corpo, e que são as responsáveis por “fazer brotar” as angustias dos “desejos não alcançados”, logo gerando mais desejos, mais produtos, mais ideologias, mais de mais. É todo um mecanismo gerado para o objetivo de controle dos nossos desejos, sonhos e imaginário.

Interessante foi que durante os últimos meses, quando me debruçava para organizar as ideias do resumo desse artigo e futura apresentação no *comcult*, que algumas matérias publicadas em jornais *mainstream* se destacaram para mim; aqui cito 3 delas:

1. “Crianças viciadas em tela e sem contato humano serão uma geração de conformistas, diz socióloga francesa⁴”;
2. “Unesco aponta riscos para uso excessivo de smartphones em sala de aula⁵”;
3. “Meta, dona de Facebook e Instagram, é processada por mais de 30 estados nos EUA por viciar jovens em redes sociais e esconder danos⁶”.

³ Conceitos não abordados no artigo, mas que se resumem na ideia de um capitalismo simbólico, aquele capaz de controlar nossos desejos e ações. Existe vasta bibliografia e definições para ambos os conceitos.

⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cpv2lgrdgw9o>

⁵ <https://olhardigital.com.br/2023/07/31/pro/unesco-quer-que-smartphones-sejam-banidos-de-salas-de-aula/>

⁶ <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/10/24/meta-dona-de-facebook-e-instagram-e-acusada-na-justica-dos-eua-de-viciar-criancas-em-redes-sociais-e-esconder-potenciais-danos.ghtml>

Para mim é uma alegria que este tipo de crítica à tecnologia finalmente esteja sendo exposta mais e mais nas notícias cotidianas pois mesmo sabendo de que se trata de um “caminho sem volta”, percebo um movimento maior e mais consciente contra o deslumbre dos avanços tecnológicos e conseqüentemente dos corpos abstraídos de sua realidade, mundo da vida; as manchetes deixam clara a importância das relações sociais entre os convivas do planeta e destacam o caráter prejudicial das relações desenvolvidas no meio terciário.

A diretora geral da Unesco Audrey Azoulay afirma: “as conexões on-line não substituem a interação humana”⁷, e complemento, em nenhuma idade ou fase da vida.

Outro ponto importante é o preço que a humanidade está pagando por ser/estar alienada das materialidades – e aqui incluo as imaterialidades – que compõem o mundo, nosso entorno. A perspectiva desse artigo é a da ecologia flusseriana, que não separa natureza de cultura e nem do lixo e que propõe um modelo circular para nos orientarmos no mundo (Dabdab, Baitello e Menezes, 2020). Vale ressaltar que essa perspectiva corrobora com as cosmovisões indígenas. De maneira que, pelas notícias anunciadas, o sintoma aqui proposto está dado e porque não dizer, evidente.

O corpo nômade sujeito, o corpo sujeito nômade.

“Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção”. (Merleau- Ponty, 1999, p. 278)

Sabemos que as palavras corpo, sujeito e nômade têm uma vasta bibliografia na história do pensamento ocidental; são conceitos pensados desde a pré-história, e eu não teria a capacidade de discorrer sobre suas definições ao longo da história. Mas é possível definir um

⁷ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/jul/26/put-learners-first-unesco-calls-for-global-ban-on-smartphones-in-schools>.

“contorno” para esses conceitos, a partir da perspectiva que interessa aqui e que parte das seguintes noções:

- De *Körperdenken* - “pensamento-corpo” - de Kamper; a articulação de um pensamento indissociado ao corpo, sem a dualidade descartiana, que é construído e significado na “mobilização de inter-relacionar as abstrações corporais”, o que o autor define como um resgate à “multiplicidade interna” do homem: ler, ver, ouvir, sentir. (2016, p. 41, 42)

- Da ideia de sujeito perspectivista ameríndio e sua “disseminação molecular pelas dobras do mundo” e que se traduz em uma outra espécie de sujeito daquela pretendida pelo Ocidente (Viveiros de Castro, 2007, p. 235). Vale destacar a etimologia da palavra indígena: do lat. *indigena*, ‘natural do lugar em que vive, gerado dentro da terra que lhe é própria...’ (Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa). O autor diz que essa ‘propriedade’ – ser indígena- é um atributo imanente ao sujeito e não uma relação extrínseca com um objeto apropriável: “Não são poucos os povos indígenas do mundo a afirmarem que a terra não lhes pertence, pois são eles que pertencem à terra.” (2021, p.16)

- Da noção de nômade também proposta por Viveiros de Castro: “O nômade é uma gente que ouve inquietantes mensagens da natureza a que permanecemos surdos.” (2021, p. 36)

Assim posso referenciar que esse “corpo sujeito porque é nômade e nômade porque é sujeito” pratica um “Estar no Mundo 4.0” (Baitello e Dabdab, 2020), isto é, resgata e vivencia o espaço nas suas 3 dimensões e o tempo. É nômade justamente por que está envolto no tempo e no espaço. Trata-se daquele "sujeito" que se espalha, que se move nas quatro dimensões e que, erroneamente, podemos achar ser um “predador” – por ter essa posição de “sem lugar” -, mas que inevitavelmente cria relações por onde passa; e são as relações que estabelecem os vínculos, o engajamento no ambiente, logo no outro.

A contribuição ameríndia.

“Não são as relações que variam, são as variações que relacionam.”
(Viveiros de Castro, 2015)

Está sendo muito interessante estudar o pensamento ameríndio - via Viveiros de Castro - e aproximá-lo dos autores da cultura e da comunicação que trabalho, pois, a sabedoria indígena é “respeitosa” com os corpos; os indígenas têm uma maneira de “estar no mundo” corporificada, imanente, e totalmente ao contrário da maneira praticada pelo Ocidente, que vai abstraindo as dimensões corporais, nos colocando distantes uns dos outros e privilegiando objetos/instrumentos ao invés de relações.

Em poucas palavras, a práxis europeia consiste em “fazer almas” (e diferenciar culturas) a partir de um fundo corporal-material dado (a natureza); a práxis indígena, em “fazer corpos” (e diferenciar espécies) a partir de um continuum sócio-espiritual dado “desde sempre” – no mito, precisamente, como veremos. (2020, p. 38)

É nesse sentido que entendo a relevância dessa inversão cosmológica para “incorporarmos” como uma prioridade na área da comunicação pois, como já falado, a defesa pela mídia primária e comunicação primária, os encontros - gestos, diálogos, performatividade – é uma emergência fundamental na tentativa de “assimilar” e “reconhecer” os outros, os corpos desse “fundo corporal-material” que nos envolve; os encontros como uma aproximação para com o outro.

Outro ponto para destacar para a área da comunicação é a noção perspectivista “por excelência”: o ponto de vista cria o sujeito. Ao contrário do pensamento cartesiano - “eu penso, logo existo” - que moldou a nós modernos e que nos coloca como únicos existentes, “o perspectivismo ameríndio começa pela afirmação duplamente inversa: “o outro existe, logo pensa”. E se esse que existe é outro, então seu pensamento é necessariamente outro que o meu” (2007, p. 117).

O pensamento ameríndio aceita e acolhe a pluralidade de corpos: “Todo existente pode ser pensado como pensante (isto existe, logo isto pensa), isto é, como “ativado” ou “agenciado” por um ponto de vista do outro lado” (2020, p. 66), diz Viveiros de Castro e complementa com um aspecto importante para entendermos a grandiosidade do conceito de corpo para os

ameríndios e a urgência pelos meios primários: “uma perspectiva não é uma representação porque as representações são propriedades do espírito, mas *o ponto de vista está no corpo.*” (cf.)

É possível fazer uma relação interessante: o sentido ameríndio – em direção ao outro - se vincula à proposta de conhecimento intersubjetivo de Flusser, que é: “uma tentativa de abordar o fenômeno do máximo de pontos de vista, para assim conhecer um máximo de aspectos” (Sd-01, p. 7, tradução nossa). O autor, muito crítico ao modelo cartesiano e assumidamente influenciado por Husserl, já indicava para a área da Comunicação, a falta de sentido nas distinções entre natureza e cultura, entre sujeitos e objetos, logo entre humanos e não-humanos.

Se aceitarmos que o mundo tem tantos aspectos quanto existir matéria, e que se torna real quando estes aspectos se tornam evidentes, significa que o método da ciência deve ser aquele que revela os aspectos. O fenômeno precisa ser considerado para poder falar, no centro das intenções, e um tipo de dança de pontos de vista para pontos de vistas precisa ser performado em volta dele. É isto que é a intersubjetividade como método científico. E isso também é o que Husserl pretende com seu slogan "*back to the matter*" e "*let the things speak for themselves*". Uma nova *humildade* em face de uma complexidade infinita de fenômenos, e um novo respeito para a equivalência de cada ponto de vista no mundo, é o resultado deste método. Resumindo: uma atitude científica que está consciente das limitações humanas, e que tenta aproveitá-las ao máximo através de ações intersubjetivas. (cf., tradução nossa)

Seguindo Flusser, ações intersubjetivas revelam mais aspectos da realidade e proporcionam “aquilo que reverbera do encontro do eu e do outro” e me parece ser uma direção para que o “fundo corporal-material dado (a natureza)” seja entendido como “um continuum sócio-espiritual dado “desde sempre” – no mito”, destacando as expressões usadas na citação de Viveiros de Castro mais acima.

A contra antropologia multinaturalista

Início aqui propondo uma relação/ aproximação entre a importância de um “sistema de valores compartilhados” apontado por Pross, com a lógica do multinaturalismo que é a noção ontológica dos povos ameríndios (Viveiros de Castro, 2020). Vale também incluir aqui a

urgência de um pensamento planetário amplamente defendido pelos autores do Antropoceno, como por exemplo Edgar Morin (2003) e Christoph Wulf, (2022).

Como não existe um sistema mundial de valores, não há interpretação compartilhada ou qualquer outro acordo similar sobre os símbolos da humanidade, como por exemplo, a Carta dos Direitos Humanos. As ordens humanas existem lado a lado, mas todos os valores são orientados verticalmente, dos valores mais altos aos valores mais baixos. Este ensaio trata, portanto, das idiossincrasias do verticalismo, das hierarquias inferiores dos intérpretes e do horizonte das ordens em um mundo de comunicações "infinitamente" facilitadas. Há uma necessidade de símbolos correspondentes, não de valores ainda "superiores". (Harry Pross, 1982, p. 205)

Como sabemos, Harry Pross direcionou sua crítica para as relações simbólicas instituídas na cultura; o autor aprofunda sua análise sobre a maneira como os meios de comunicação vão se convertendo em processos de significações verticais – e isso quer dizer sem o tempo do corpo, o tempo do presente e por isso sua teoria de mídia aponta para o tema do corpo e do tempo; lembremos que sua formação acadêmica se constituiu nas ciências sociais e na psicossomática⁸.

Destaco seu artigo “*Hierarchy of political values and their communication*” publicado em 1982 que aponta a importância da “materialização” de um sistema de valores universais para uma interpretação universal dos símbolos, uma vez que vivemos o paradoxo de sentido da existência humana com as relações sociais inseridas sob uma orientação horizontal – “conforme determinadas pelo campo” - e seus valores (imaginações e avaliações) orientados verticalmente “dos valores mais altos para os valores mais baixos”. E reforça: “há uma necessidade de símbolos correspondentes, não de valores ainda “superiores””. (cf. p. 205)

Em síntese o autor está indicando para a crise ocidental inserida na lógica aonde “os seres humanos vivenciam o significado das relações horizontais da existência lado a lado com base na hierarquia estruturada verticalmente de suas crenças de valor em todas as crenças da prática social” (cf.), e o quanto essa lógica “deforma” a vitalidade desses sujeitos, “pelo peso dos símbolos que eles têm que carregar”. (cf., p. 211)

⁸ Foi aluno de grandes mestres da Universidade de Heidelberg como Alfred Weber e Viktor von Weizsäcker, este último um dos fundadores da psicossomática. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Norval_Baitello_Junior. Acesso em 31/12/2023.

O apontamento de Pross para a deformação da vitalidade de sujeitos submetidos a contradições de tempo e espaço me parece ter relação direta com a notícia citada no começo do artigo sobre nos tornarmos uma sociedade conformista, isto é “funcionária”.

Trazendo de volta a ideia de “um continuum sócio-espiritual dado “desde sempre” – no mito” presente na cosmovisão ameríndia, gostaria agora de tentar uma vinculação entre o multinaturalismo com um “sistema mundial de valores compartilhado” referido por Pross.

O termo “multinaturalismo”, diz Viveiros de Castro, foi cunhado para provocar os colegas norte-americanos que “gostam” do conceito de multiculturalismo. O etnólogo aponta para o problema dessa perspectiva- isto é, de um “mononaturalismo” - e pergunta:

E se fosse o contrário? Se houvesse um multinaturalismo e não um monoculturalismo? A formulação foi de início puramente reativa; mas não demorei para perceber que era exatamente isso que os índios pareciam supor, quando diziam que os urubus bebem cerveja, comem peixe assado, como nós e os pecaris, mas que aquilo que os urubus chamam de cerveja não é o que chamamos cerveja, e não é o que os pecaris chamam de cerveja. Se “todo mundo” bebe cerveja, ela não é a mesma para todo mundo. (2007, p. 112)

Analisar a questão nominal ou relacional⁹ do pensamento ameríndio não interessa propriamente para essa reflexão; o que quero destacar aqui é a aproximação e o respeito ao pensamento do outro, da alteridade que é constitutiva no “mito” – na cultura - e como faz sentido para um pensamento planetário a noção “duplamente inversa” do “eu existo, logo penso” para “o outro existe, logo pensa”.

Seguindo Viveiros de Castro, a sociedade ocidental se estrutura em um modelo “multiculturalista”, que propõe a existência de muitas culturas (espíritos) em relação a uma natureza (corpo). Essa é a lógica colonizadora e simplificadora do modelo que vivemos. Inversamente, as sociedades indígenas da América possuem uma concepção contrária: suas sociedades são compostas por seres que partilham uma espiritualidade (cultura/essência), mas que se diferenciam em seus corpos (natureza/biologia). O modelo “multinaturalista” pressupõe a lógica da diversidade.

Em outras palavras a metafísica ocidental de fato parece ser a fonte de todos os colonialismos que soubemos inventar. Contra esses grandes divisores - nós e os outros, os

⁹ Para um melhor entendimento ler Viveiros de Castro, 2007, p. 112.

humanos e os animais, os ocidentais e os não ocidentais -, temos que fazer ao contrário: proliferar as pequenas multiplicidades. (2010, p. 16)

Importa destacar aqui que no multinaturalismo o corpo, a natureza é diversa, enquanto que o espírito, a cultura converte-se numa constante. Nesse sentido a demanda de Pross por um sistema mundial de valores dialoga diretamente com a ideia de diferentes naturezas compartilhando “uma cultura planetária”.

Enfim essa “contra ontologia” apresenta imensos desafios - exercícios de descolonização do pensamento – um pensamento crítico sobre nossas ações no nosso entorno- e a quebra da lógica sujeito objeto super arraigada na cultura ocidental.

Como incorporar essa ideia no cotidiano?

A conclusão sugere uma pergunta objetiva. A resposta, que entendo ser objetiva também, carrega um “quê” que desafia todo o *modus operandi* ocidental que insiste em produzir experiências mediadas por objetos, que procura manter sujeitos¹⁰ “entretidos” e distantes da possibilidade de encontro com outras perspectivas (outros corpos). O ambiente digital como um todo, a partir da sua capacidade de tomar nossa vitalidade – afinal são muitos símbolos para carregar -, é o exemplo.

A resposta, a meu ver, está na proposição de Baitello “corpo pede corpo” (2018). No artigo *¿De dónde viene el poder de las imágenes que invaden nuestras casas y nuestros cuerpos?* o autor atualiza os dois núcleos constitutivos do homem propostos por Helmuth Plessner: “Eu sou corpo” e “Eu tenho corpo”, indicando o terceiro núcleo constitutivo do Eu, “Corpo pede corpo”, que é o ambiente da sociabilidade: “a interação com o outro, gera o importante processo de pertencimento”. (C.f, p.16)

E, na sequência, o autor apresenta um quarto núcleo que é “corpo imagina corpo”: a expansão da sociabilidade induz a capacidade de idealizar, de imaginar ou de criar imaginativamente o outro; esse núcleo se dá no imaginário (C.f, p. 17). Também gostaria de

¹⁰ “O sujeito é o horizonte onde a intenção começa, e o objeto é o objetivo da intenção. Sujeito e objeto podem ser distinguidos pela intenção da relação” escreve Flusser em seu artigo *Phenomenology: a meeting of West and East?*

destacar nesse artigo e que interessa à essa reflexão é a importância de uma teoria da imagem que extrapole sua condição estritamente visual, isto é, as fronteiras das ciências das linguagens e da arte (Cf., p. 20).

Minha prioridade como pesquisadora e docente é propor caminhos para uma teoria da imagem expandida, pulsante e viva que requer o encontro com a alteridade, com a diferença, para fazer florescer um capital perceptivo e cognitivo que dê conta da complexidade dos diversos corpos/naturezas que compõem as realidades – que sabemos são interligadas-, e é por isso que defendo os encontros, os gestos e performatividades, como um caminho para a produção de imagens que vão além daquelas que estudamos e pesquisamos através de registros. E para tal, o meio primário “por excelência”, o corpo e seus seis sentidos, são “ferramenta” e “meio” *sine qua non* defendidos aqui; é com eles e através deles que nos comunicamos, apreendendo o mundo e nos reflexionando para os outros.

E novamente, isso quer dizer, eleger o corpo - o ponto de vista – como condição essencial para propostas educacionais, comunicacionais e para políticas públicas, fortalecendo a sociabilidade e a construção de vínculos. Como exemplo de abordagens adequadas aos meios primários e potencialmente descolonizadores gostaria de citar um projeto na área do jornalismo, o *Mediavivant*¹¹ e a atitude de um grupo de jovens do projeto *Nofotofake*¹² que saíram para passear e fotografar a cidade; alguns não se conheciam, e todos não conheciam os ambientes que iriam “encontrar”.

Mediavivant é um coletivo de jornalistas independentes que apresentam suas investigações ao vivo em locais acolhedores na cidade de Marselha na França. A cada mês, um jornalista relata uma investigação original diante do público. As informações são construídas pelas testemunhas entrevistadas pelo jornalista. Na segunda parte, o público troca impressões com o autor, com as fontes e as testemunhas da investigação.

¹¹Disponível em: <https://mediavivant.fr/>

¹² O projeto independente “Nofotofake” foi coordenado pela pesquisadora e propunha expedições fotográficas com jovens da favela de Heliópolis, teve início em fev. 2019 e contou com a participação de por volta de 30 jovens até 2021; lembrando que durante o *lockdown/covid19*, o projeto sofreu uma interrupção. Em cada semestre saiam alguns e entravam novos participantes. Usávamos a cidade como ambiente de aprendizado e não havia uma estrutura fixa, apenas a importância do diálogo entre a pesquisadora e a turma. O nome foi escolhido em conjunto com os participantes. Nossa página no Instagram é: <https://www.instagram.com/>

Para Jean-Baptiste Mouttet, cofundador e diretor editorial, o projeto teve como princípio e concepção: “encontrar uma maneira de recriar o vínculo, de quebrar as barreiras econômicas, culturais e sociais que separam o cidadão da imprensa. O jornalista e suas fontes devem estar o mais próximo possível do público ..., o jornalismo se tornará vivo¹³.”

E na sequência apresento o *feedback*¹⁴ da Esthefany, depois de encontrar, conhecer e sair para passear e fotografar com amigos e uma jovem turista venezuelana pelo centro de São Paulo; pedi para ela “documentar” o passeio com fotografias para alimentarmos nossa página no Instagram e quando perguntei sobre o material do encontro, ela me responde assim: “Nem tiramos tantas fotos porque estávamos tão emocionados com o trajeto e afins, mas foi muito divertido!”.

Para terminar, propondo uma relação entre os dois exemplos apresentados, parece fazer sentido afirmar que quando “corpo encontra corpo” são provocadas a vinculação e a consciência do eu e do outro, isso é do nosso “mundo da vida”, a ponto de não precisarmos de “tantas muletas assim” (aka aparelhos) para produzirmos nossos registros imagéticos e florescermos nossa imaginação, bem como, a percepção e cognição de nosso entorno. Mais ecológico impossível; mesmas coisas e não coisas entre os sujeitos, acrescentando Flusser (Sd-02) novamente aqui.

Desta maneira é possível reiterar a importância do “estar no mundo” indígena que valoriza as experiências vividas e o mundo concreto da realidade (corpo) – mídia primária, “corpo pede corpo” - para desenharmos abordagens descolonizadoras que acredito serem capazes de “fazer a virada” para aquilo que podemos, nós pesquisadores, educadores, conceber em comum: a construção de um pensamento que “aproxime” e “oriente” a diversidade.

¹³ Disponível em: <https://mediavivant.fr/qui-sommes-nous/>

¹⁴ Para entender o contexto desse feedback e para conhecer mais sobre o processo e a história ver Communication and education for otherness: photographic expeditions as an exercise in the pedagogy of intersubjectivity. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/tags/pedagogy-intersubjectivity>.

← **Publicações**

19 de junho de 2017 · ver publicação



nofotofake



Curtido por giih_cookies1234_ e outras 18 pessoas

nofotofake Ainda sobre nosso passeio na Pinacoteca e Parque da Luz: estávamos no

Fonte: instagram @nofotofake.

Na França: jornalistas se apresentam ao vivo para conquistar credibilidade

por MATHILDE WARDIA - May 9, 2023 em TEMAS ESPECIALIZADOS



Fonte: ijnet.org

Referências

Baitello, N. (2001). **O Tempo Lento e o Espaço Nulo. Mídia Primária, Secundária e Terciária.** Publicado em: Fausto Neto, Antônio et al. (Org). Interação e sentidos no Ciberespaço e na Sociedade. Porto Alegre, EDIPUCRS.

Baitello, N. (2012). **O pensamento Sentado: Sobre Glúteos, Cadeiras e imagens.** Unisinos. São Leopoldo.

Baitello, N. (2018) ¿ **De dónde viene el poder de las imágenes que invaden nuestras casas y nuestros cuerpos?** Publicado em: Bulo, V. & Ortiz de Zárate, A. (Org). El Cuerpo en sus Variaciones. Santiago, Universidad Austral de Chile.

Baitello, N.; Dabdab, R. (2020). **Estar em el mundo. El gesto del fotógrafo como uma experiência de las cuatro dimensiones del Lebenswelt.** Disponível em: <https://publicacionescientificas.fadu.uba.ar/index.php/area/article/view/807> . Acesso em 28 nov 2021.

Dabdab, R.; Baitello, N. (2023). **O Fundo Que Nos Une. Por Uma Intersubjetividade Social em Flusser.** Revista Caribeña de las Ciencias Sociales. Disponível em: <https://ojs.southfloridapublishing.com/ojs/index.php/rccs/article/view/2965/2251>. Acessado em 27/04/2023.

Dabdab, R.; Bornhausen, D. (2021). **Modelos, moldes, medidas. A construção dos “modelos” para Flusser**. Revista *PAULUS*, 4(8).

Dabdab, R.; Baitello, N.; Menezes, J.E.O. (2020). “**As crateras de Itabira**”. **Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Geiser Sobre a Ecologia**”. *LÍBERO*, Jan/jul.2020(45).
<https://cutt.ly/CDz0YTp>.

Flusser.V. **Phenomenology: a meeting of west and east?** (Sd-01, p.2-7). Essays_ English- P-R. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em:
<http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1539>. Acesso em: 28 agosto 2022.

Flusser.V. **Enjaulados pelas coisas**. (Sd-02, p. 65-70). Courses 1_2-IPEA. Influencia do Pensamento Existencial sobre a Atualidade. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em:
<http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1391>. Acesso em: 28 agosto 2022.

Fuchs, T. (2021). **In Defense of the Human Being. Foundational Questions of an Embodied Anthropology**. UK. Oxford University Press.

Kamper, D. (2016). **Mudança de Horizonte**. Paulus, São Paulo.

Morin, E.; Ciurana, E.; Motta, R. (2003). **Educar Para a Era Planetária**. São Paulo. Cortez.

Pross, H. (1982). **Hierarchy of Political Values and their Communication**. International Political Science Review, 3(2), 205-211. <https://doi.org/10.1177/019251218200300207>

Viveiros De Castro, E. (2007). **Coleção Encontros**. Beco do Azougue Editorial. Rio de Janeiro.

Viveiros De Castro, E. (2010). **O Anti-Narciso: lugar e função da Antropologia no mundo contemporâneo**. Revista Brasileira de Psicanálise. Volume 44, n 4, p.15-26. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v44n4/a02.pdf>. Acesso em: 09 junho 2021

Viveiros De Castro, E. (2020). **Metafísicas Canibais**. N-1 Edições. São Paulo.

Viveiros De Castro, E. (2015, 2021). **O recado da Mata**. In: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras.

Wulf, C. (2022). **Educação como Conhecimento do Ser Humano na Era do Antropoceno. Uma Perspectiva Antropológica**. Cortez Editora. São Paulo.